



AVENÇA

# QUINZENÁRIO REGIONALISTA — PROPRIEDADE DE NOSSA SENHORA DO ALÍVIO

## VILAVERDENSE

Director e Editor Cón. Domingos Peixoto da C. e Silva

Redacção e Administração: Residência Paroquial de Prado — Tel. 9223 — BRAGA

VISADO PELA CENSURA

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas do «Diário do Minho» — BRAGA

### MAIS UM ANO

Completa hoje «O Vila-verdense» dois anos de existência. Só quem estiver a par do trabalho e dos encargos que a manutenção de um jornal impõe, saberá compreender o esforço e o sacrifício dos que asseguram a sua regular publicação. Entre nós, a receita essencial dos jornais é a proveniente da publicidade. O nível dos salários e dos preços dos materiais, não permite, pelo menos na generalidade, que o produto da venda, mesmo de milhares de exemplares, cubra as despesas necessárias. Ora tendo em atenção que a publicidade feita através de jornais de âmbito local não atinge grandes proporções, facilmente se concluirá que os mesmos só conseguirão manter-se e aperfeiçoar-se pelo alargamento das assinaturas.

Quer isto dizer que os naturais de uma região têm o dever de auxiliar os jornais que, além de portadores de princípios sãos, sejam intérpretes dos legítimos interesses dessa região — e, portanto, poderosos factores de valorização da mesma.

E digo «poderosos factores», porque a chamada pequena imprensa, não é tão pequena como à primeira vista muitos porventura julgarão. O Cinema e a Rádio em nada diminuíram a importância do jornal — e está já mais que provado que o mesmo sucedeu com o aparecimento da Televisão.

Sendo assim, e pelo que

respeita ao caso concreto agora tratado, não podem os vilaverdenses alhear-se do significado inerente à existência deste jornal, nem, portanto, deixarem de contribuir para a sua conservação.

Criado em boa hora com uma orientação que, desde o primeiro número, lhe assinalou as linhas mestras, merece ser acarinhado por todos os naturais do concelho. Por outro lado, os que o lançaram e os que o têm dirigido, são dignos da gratidão dos vilaverdenses que, acima de questões de pormenor, ou seja, de possíveis particularismos, põem os interesses da terra em que nasceram e a conveniência da difusão de princípios salutareis.

Miguel da Cunha

### Viva o Santo Padre Pio XII

por JÚLIO VAZ

Há dezanove anos que nos habituamos, neste mês de Março a prestar respeitadas homenagens ao legítimo representante de Jesus Cristo na Terra e verdadeiro sucessor de S. Pedro na Cadeira de Roma — ua Santidade o Papa Pio XII.

No dia 2 de Março celebrou-se o seu aniversário natalício e da eleição e no dia 12 o aniversário da coroação. São datas históricas que não podemos esquecer. Este ano, porém, circunstâncias especiais reavivaram, se assim nos podemos expressar, o sentido dessas homenagens que todos os fiéis protestam ao Sumo Pontífice.

Nós bem sabemos quem é o nosso Chefe.

Elevem-se ao Céu solenes Te-Deums de acção de graças, pela dádiva generosa do Senhor à Sua Igreja, e entoem-se preces em uníssono com os bronzes de Bolonha dobrando a luto, para que as inteligências se abram à luz da verdade, e para que ao respeito e à gratidão não continuem a fechar-se os corações.

Chefe de Estado, Pio XII desenvolve uma política de respeito por todos os homens, e de defesa do bom entendimento entre os povos; Vigário de Cristo, Pio XII curou feridas dos sinistrados, quando dos bombardeamentos de Roma, e abriu o seu coração, como abriu as portas do Seu Estado, a homens de todos os credos políticos e religiosos, que junto dele imploraram asilo; Chefe da

Igreja, Pio XII, pregou só uma verdade — a da justiça — e anima os inimigos a que bebam na fonte do Amor o segredo da paz; Chefe dos Sucessores dos Apóstolos, Pio XII desenvolve o apostolado mais intenso e universal de todos os séculos, iluminando as inteligências, disciplinando os costumes, facilitando a vida espiritual, e clamando por mais Justiça.

Como Jesus não poderá dizer-nos: porque me perseguis?

Em 1948, por ocasião do Ano Jubilar de Santiago de Compostela, vi chegar de toda a Espanha milhares de milhares de rapazes, rodeados de luzidas representações da América Latina, os quais entravam na grandiosa cidade saltando vivas ao Papa.

Era o entusiasmo da fé.

Entretanto, havemos de juntar ao entusiasmo da fé,

## SANTUÁRIO de Nossa Senhora do Alívio



De toda a parte acorrem os devotos para cumprirem as suas promessas. Poucos serão os santuários marianos que poderão registar tanto movimento. A medida que o tempo aquece e a quadra do ano se torna propícia para os passeios turísticos as estatísticas de alguns santuários donde se disfrutam belos panoramas ou onde as belezas naturais são admiráveis indicam-nos maior movimento. As vezes, porém, tantos turistas que entram nos templos são autênticos profanadores, pois só querem apreciar a arte ou as paisagens.

Os devotos de Nossa Senhora do Alívio não podem vir a este Santuário à procura de belezas impressionantes ou disfrutar paisagens inigualáveis. Tudo se resume a um templo ainda não acabado circundado por um largo que ainda não foi urbanizado. Não se pode, portanto, encontrar outra causa que possa atrair tantos milhares deromeiros que por aqui passam durante o ano e não uma arreigada devoção a Nossa Senhora verdadeiro Alívio nas horas em que o coração humano se sente carregado de aflições e angústias. Na formosa imagem de Nossa Senhora todos podem verificar o terno sorriso símbolo de esperança e amor.

Já falamos na devoção da gente dos lados do mar que agora já não aparece por aqui aos ranchos saídos das suas casas gastando dois ou mais dias nas viagens. Agora vêm de camionete como já referimos. Mas não só a gente poveira é devota da Senhora. Durante o mês de Fevereiro vimos aqui peregrinos do Porto, Famalicão, Guimarães, Taipas, S. Torcato, Póvoa de Lanhoso, Braga, Barcelos, Arcos, Barca, etc.

### O problema religioso na Indonésia

artigo de ROLLIN DE MACEDO

É sempre algo delicado falar-se acerca da religião de um país e não é sem o mais extremo cuidado que neste artigo me irei ocupar do problema religioso na Indonésia, até porque os portugueses por ali passaram em séculos recuados e ali têm uma denominada «portuguesa».

O povo indonésio crê, em geral, no poder omnipotente de um Ser Supremo, embora manifeste as suas ideias de diferentes formas; há pessoas que aderem aos princípios do Islão, há cristãos, budistas e hinduístas, e há crentes em Confúcio, a maioria dos quais chineses. Em algumas partes da Indonésia como, por exemplo, no interior de Bornéu e da Nova Guiné Ocidental, o animismo é a crença corrente entre a população.

A despeito da grande variedade de religiões que existem na Indonésia, os conflitos religiosos, se é que se pode dizer que existiram, nunca tiveram o carácter de perseguições em massa, e ocorreram apenas durante pequenos períodos de tempo. A História conhecida da Indonésia é de tolerância entre várias religiões coexistentes, o que

foi raramente perturbado por perseguições religiosas. As cousas correm pacificamente, no que se refere ao culto religioso. Assim, não há conflito algum pelo facto de às sextas-feiras os muçulmanos irem à mesquita, e aos domingos os cristãos irem à igreja. Em Ambon, até, as populações cristã e muçulmana se auxiliam mutuamente na reconstrução das aldeias. E em muitas cidades indonésias, igrejas e mesquitas estão lado a lado.

A tolerância religiosa é, de há muito, uma tradição na Indonésia. A constituição aqui, garante a todos o direito ao culto segundo a própria religião de cada um; é o seu artigo 18.º que diz que «todos têm liberdade de religião, consciência e pensamento». E essa liberdade de religião implica que todos têm o direito de propagar a sua religião, uma vez que os métodos empregados não constituam uma violação da lei nem da ordem.

Na Indonésia, tanto os católicos como os protestantes têm desenvolvido grande actividade em várias

(Continua na página 6)

regiões. Durante o mês de Fevereiro vimos aqui peregrinos do Porto, Famalicão, Guimarães, Taipas, S. Torcato, Póvoa de Lanhoso, Braga, Barcelos, Arcos, Barca, etc.

(Continua na página 4)

### Mais um passo para a frente

Embora muitos possam julgar que é tarefa fácil manter a publicidade dum simples jornal de Província, mesmo de tiragem quinzenal, o certo é que assim não acontece.

Em geral, a pequena Imprensa é que exige dos seus directores responsáveis maior número de sacrifícios para a sustentar, tantas são, por vezes, as dificuldades que aparecem, sobretudo as de natureza material. No que diz respeito ao «Vilaverdense», desconheço o que terá havido nesse sentido, mas não andarei longe da verdade se afirmar que não deve fazer excepção à regra mais geral, isto é, que vive mais à custa dos sacrifícios feitos pela sua existência do que pela receita proveniente da sua publicação.

Isto quer dizer que não se trata duma iniciativa com a mira em lucros compensadores, mas apenas com o expressivo objectivo de pugnar pelos interesses do Concelho e, portanto, de tornar conhecidas, perante quem de direito, as justas aspirações dos seus habitantes. Por assim acontecer, o segundo aniversário deste Jornal deverá constituir motivo de grande regosijo para todos os Vilaverdenses, sem distinção de qualquer espécie uma vez que, sem atraiçoar a sua finalidade, dá mais um passo para a frente com a mesma intenção com que deu o primeiro, em 19 de Março de 1956, mantendo-se fiel às primeiras palavras que justificaram a sua aparição, vibrantes de entusiasmo e cheias de esperanças no futuro. Nas suas colunas, portas abertas para tudo que puder ser útil e proveitoso aos valores morais e espirituais, assim como à grei, têm sido ventilados assuntos diversos, entre os quais se têm feito ouvir as vozes de várias freguesias representadas pelos seus solícitos Correspondentes sempre cheios de vontade para produzir mais e melhor.

Verifica-se, pois, que o «Vilaverdense» vai entrar no terceiro ano sem ter deixado perturbar com a sombra da indiferença a claridade do imperativo a que obedeceu a sua fundação. Pelo menos, que seja esta a recompensa para o seu ilustre Director e Edi-

(Continua na página 2)



SUA SANTIDADE PIO XII

o cumprimento da recomendação feita aos católicos italianos pelo prof. Gedda: temos de agir com inteligência e sem cansaço.

O agir com inteligência resume-se em estudar e saber quem é o Papa.

Em 1950, por ocasião do Ano Santo, ao sairmos da Basílica de S. Pedro, um universitário português, esmagado pela grandeza da Basílica Papal, perguntava-se: Sr. Padre, como se prova que o Papa é o sucessor de S. Pedro?

(Continua na 3.ª página)

### Mais casas para as classes trabalhadoras

O problema da habitação, que tem ocupado a atenção de todos os governantes dos países civilizados, também tem merecido aos dirigentes portugueses particular carinho.

Dentro das possibilidades da vida portuguesa, o problema da habitação, especialmente para as classes menos favorecidas, tem sido preocupação dominante, e são já inúmeros os «bairros económicos» que se erguem por toda a parte e que constituem a prova do que nesse particular se tem realizado.

É necessário, porém, prosseguir, pois o Estado Corporativo, fiel à linha traçada e desejando dar satisfação às necessidades que se lhe apresentam, tem no problema da habitação para os trabalhadores uma preocupação permanente.

Dentro desta linha de rumo, o Sr. Ministro das Corporações, Dr. Veiga de Macedo, visitou, há dias, algumas regiões do País, inteirando-se das obras realizadas e das que vão entrar em execução.

Nos concelhos de Cascais e Oeiras, o Sr. Dr. Veiga de Macedo teve ocasião de apreciar os bairros já construídos e de lembrar

(Continua na página 2)

## Capela de S. Domingos

(Continuação da página 6)

mede, onde Fernando Fernandes possuía uma herdade de que pagava o respectivo foro ao Rei. Fica junto do sítio de «Escariz». Pois nesse lugar de Quintela estava situada a Casa e Quinta, chamada do *Fial*, também conhecida com o nome de quinta do *Redondo*, e actualmente só conhecida pelo nome da *Cachada*. Conserva-se a casa que é construção do princípio do século XVIII e uma parte da antiga quinta.

Foi seu proprietário Domingos Luís da Costa, solteiro, e sem filhos, falecido a 28-2-1781 e sepultado dentro da igreja paroquial.

Em seu testamento, feito em 7-12-1768, declara: «Faço Vinculo de Capela e morgado dos bens seguintes... (enumera-os) Quinta e Casas e na Capela que tenho feito no campo da Barrouca, unido à minha Quinta... tenho feito património para a mesma Capela, por ordem da justiça Eclesiástica... Capela que instituo neste Vinculo com o orago de *São Domingos e de Nossa Senhora da Conceição*...»

A herdeira foi sua sobrinha — Mariana da Cunha, filha de seu irmão João Luís da Costa e mulher Cipriana da Cunha.

No extenso e difuso testamento havia a cláusula de que a instituição passaria para a posse da Confraria do Senhor, se a herdeira falecesse e em deixar descendência.

Portanto o fundador da Capela, e talvez da Casa, foi Domingos Luís da Costa, cuja construção é daquela data, como se verifica pela leitura do testamento. Ele mesmo refere que também ajudou a esse trabalho. Ficava situada a pouca distância do pátio da casa, junto do portão de entrada onde ainda se conservam os alicerces.

Certamente a escolha do titular principal — S. Domingos foi por ser esse o nome do devoto instituidor. É natural que houvesse outras razões.

Não passe despercebida a circunstância de a Capela também ser dedicada a *Nossa Senhora da Conceição*. Não fosse S. Domingos o eminente pregador e apologeta da devoção à Imaculada Mãe de Deus.

Apraz-me assinalar mais este testemunho do culto de Nossa Senhora e juntá-lo a outros já mencionados, nesta freguesia. Na capela também era venerada a imagem de *Nossa Senhora do Resgate*.

A instituição impunha a obrigação perpétua de celebrar cada ano, *dez missas* na mesma capela, onde o P. Luís Francisco da Costa, irmão do legatário, exerceu o cargo de capelão. Para o seu bem de alma dispôs que se fizesse um ofício de trinta clérigos, após o seu falecimento, e fossem celebradas tresentas e tantas missas. Além destas recomendou outras mais, pelas intenções seguintes: Ao Santíssimo Sacramento, à Senhora do Rosário, à Senhora da Piedade, Senhora das Neves, Senhora da Boa Morte, Senhora da Agonia (Viana), Senhora da Abadia (Bouro), Senhora do Bom Despacho (Cervães), Senhora Aparecida (Balugães), Senhora do Porto, Senhora das Angústias, Senhora do Resgate, Senhora da Graça, Senhora das Necessidades,

a S. Mamede, S. Sebastião, S. Pedro de Rates, S. Bartolomeu, S. Raimundo, Santo António dos Milagres, à Sagrada Paixão e Morte, às Cinco Chagas, e em honra das Três Horas da Agonia no Calvário. Deixou missas pela alma dos pais, parentes próximos e... mais nove por todos *escravos que tinham sido seus*, pelos amigos e inimigos, e *pelas pessoas com quem tivesse tido contatos e possíveis enganos*. A relação das missas ainda faz lembrar a Ladainha de todos os Santos.

Estes encargos e outros mencionados no testamento na da representavam para o volume dos bens vinculados. Ninguém poderia duvidar ser intenção do doador que a capela se conservasse e o legado fosse cumprido, como dispusera. Porém, assim não aconteceu. Os herdeiros foram pouco escrupulosos em cumprir. A capela era mal venerada.

Passada uma dúzia de anos, o visitador censurou o seu pouco asseio e deixou capituladas várias reformas que deveriam ser feitas no mais curto prazo.

Não foram tomadas na devida consideração, pois o segundo visitador só lá voltou daí a 50 anos!

Foi no dia da Senhora das Neves de 1831. O zelo e o escrúpulo no cumprimento do legado e das ordenações capituladas foram tais que no livro das visitas ficou registado esta nota pouco honrosa «... dou a Capela por suspensão... por se achar em tal estado e indecência que se não pode olhar sem pena o pouco caso e respeito devido a Deus». O abade ficou incumbido pelo visitador de insistir com o administrador do vinculo para que cumprisse o que deixara determinado. Nem a cominação de graves penalidades foi suficiente. Não era pois de estranhar que, mais ano, menos ano, viesse a ruína do próprio morgadio. Assim aconteceu.

No ano de 1846 foi colado na igreja de S. Mamede o abade — António José Ferreira da Silva, da Casa do Alferes da Lage, onde permaneceu até 1885. Quase 40 anos de vida paroquial.

O herdeiro e último administrador do vinculo, completamente arruinado, *vivendo luxurioso*, primeiro vendeu a raiz ao dito abade, e pouco mais tarde, o próprio usufruto. Entretanto sucedeu este episódio curioso. Volvido algum tempo, após a alienação da raiz, o desafortunado vendedor teve a fortuna de ser contemplado com o 2.º ou 3.º prêmio da lotaria. Logo que a notícia chegou ao conhecimento do abade, considerou ter talvez o dito vendedor, seu paroquiano, grande empenho de recuperar novamente o direito que tinha cedido, visto haver recebido muito dinheiro. Foi logo ao seu encontro e ofereceu-lhe a cedência. Não estava pesado, nem o dinheiro durou muito tempo. Etiam ludebat! E para não estar em mais preocupação resolveu dispor do usufruto, saindo para fora da terra. Acabou miseravelmente.

Há 50 anos pouco mais ou menos, os herdeiros do dito abade resolveram demolir a capela e levaram os materiais para a Lage onde foi reconstruída junto da sua casa de vivenda A Quinta, já mui-

## A Catequese

(Continuação da página 6)

catequese seria aos 13 anos completos, com a aprovação da 4.ª classe e o cerimonial da Comunhão Solene e confissão de fé.

A catequese de perseverança ou juvenil, vem a seguir. Começa na adolescência, período crucial na vida e prolonga-se ao longo da mocidade, e reveste o carácter de preservativo de corrupção moral e de preparação para a vida. É aqui que se põe e resolve o problema da vocação.

Por fim, vem a Catequese de adultos, que se destina a manter presentes os conhecimentos adquiridos e a aplicá-los à vida, da média e última fase da vida.

Tratarei em primeiro lugar da Catequese de crianças. E, em ligeiro apontamento, limito-me, por esta vez, a expor princípios sobre a necessidade e importância da catequese. A raiz de todos os males contemporâneos, é a ignorância religiosa. Entre nós, em Portugal, a ignorância religiosa, é pavorosa, não só entre as classes populares, mas mesmo na chamada classe alta. Ninguém nasce ensinado e o aprender custa e exige condicionalismo conveniente. Um século inteiro de liberalismo fez grande e proveitosa campanha contra a Religião.

A tal ponto perverteu o pensamento e o sentir dos portugueses, que houve tempo, em que afirmou-se alguém católico publicamente, equivalia a ser herói. Criou-se um ambiente hostil à Religião, com uma propaganda insidiosa, insistente, às claras e às ocultas, pelo jornal e pelo livro. Ainda hoje se vai indo, como a medo. Alguma coisa melhorou a situação geral. Mas como estamos longe do Ideal. Nas escolas públicas o ensino ainda não é livre, praticamente, não existe.

A Igreja foi expoliada dos seus bens e ainda não pode fundar a escola católica, como o deseja o Concílio Plenário, n.º 139: «Não deixem os fieis de auxiliar com os seus meios e com os seus esforços a fundação e sustentação de escolas Católicas». A família, infelizmente, ou porque não soube, ou porque não pode, ou porque não quer, não ensina o Catecismo.

to reduzida e as casas lá continuam oneradas pelo referido legado que deixou de ser cumprido, como é manifesta, e há meia dúzia de anos passou para outro possuidor.

Facto desconcertante, e para mim insuplicável, foi de ter ficado a imagem do titular — S. Domingos, recolhido num aposento da casa onde se conserva ainda. Despiram-lhe a sua morada, levaram-lha para longe e dedicaram-na a outro santo.

S. Domingos não abdicou dos seus direitos embora lhes não reconhecessem. Ao vinculo primeiramente, lhe arrebataram a alma, depois decapitaram-nos. Preguntar-se-á qual seria a causa da ruína da instituição? Poder-se-ia explicar com maior minúcia. Porém *parce sepullis!* Parece que foi com dinheiro vindo do Brasil que se formou aquela grande propriedade.

Será o caso de dizer que «bens da igreja e de brasileiros não chegam a terceiras»? A explicação ficará de reserva.

S.

A criança é cobiçada pelas forças do mal, que pretendem subtraí-la a Deus convertê-la num apóstolo do ateísmo. Diante deste quadro de realidades apavorantes, ergue-se a catequese, como meio único e insubstituível, de amparar, formar e educar a criança, convertendo-a numa apóstola do bem. A obra paroquial mais urgente, imperiosa, é a catequese. Precisa de quem se lhe dedique ardorosamente, em espírito e verdade. Sem doutrinação insistente e persistente, a fé se extingue, fides ex auditu. É ver a geração de descrentes, ente nós! O mal é gravíssimo. A situação aparente, não corresponde à realidade. Para os cristãos de hoje, não basta ser cristão pelo Baptismo. É preciso tomar consciência da verdade, para a defender e proclamar.

É pois urgente necessidade cuidar a sério da catequese e ver com carinho, os inocentes, voltados para nós, a pedir «o pão» da Palavra de Deus. — Ser catequista, é ter um cargo importante e honroso. Gerson, o célebre chanceler da Universidade de Paris, eminente teólogo, um dos maiores sábios do seu século, tinha como uma glória ensinar catequese numa humilde paróquia daquela cidade. Alguns colegas seus, professores da Sorbona, censuravam-no por isso. Responde-lhes «que se julgava feliz e tinha muita honra em ensinar às criancinhas a mais sublime de todas as ciências».

S. Francisco de Sales, mesmo sendo Bispo, fez a catequese durante muitos anos nas igrejas de Annecy. S. Agostinho, S. João Crisóstomo, o Cardeal Belarmino, foram também catequistas.

Disse o Santo Padre Pio X: «a obra do catecismo é a mais excelente a que podemos dedicar-nos — melhor do que pregar, confessar, dar missões, ensinar no Seminário e outros ministérios».

### As Avé-Marias

(Continuação da página 6)

manhã, Maria convida-nos à oração fervorosa, a uma maior pureza igual à da neve das mais altas montanhas e à do orvalho que cobre os nossos campos.

Maria quer-nos puros de corpo e alma, pertencemos ao Senhor, como diz S. Paulo.

O segundo toque é à Senhora da Coragem.

Debaixo do sol abrasador do meio dia, o convite de Maria é à coragem, ao heroísmo, para vencermos as intempéries do século, as vicissitudes da vida, para sermos alguém.

O terceiro toque é à Senhora do Silêncio.

Na calma grave e saudosa da tarde à voz de Maria convida-nos ao silêncio, ao recolhimento e à meditação.

Os três toques do dia lembram-nos as três maiores virtudes de Maria: Pureza, Coragem, Silêncio.

Maria pede-nos força de vontade, ânimo, heroísmo, ideal elevado, vida ardente e fervorosa. Maria pede-nos sinceridade, amor de Deus, tranquilidade de espírito e conformidade da nossa vida com a voz da consciência e ditames da razão. A nossa eterna felicidade depende essencialmente do cumprimento deste dever: realizar em nós

## isto & aquilo

Na China, forjavam-se espadas de ferro, cerca de dois mil anos antes de Cristo.

— Todos os anos se comemem em Londres para cima de novecentos milhões de ovos.

— O Brasil é o maior exportador mundial de cristal de rocha, cabendo-lhe cerca de 90% de todo o movimento internacional.

O cristal de rocha possui destacada importância na indústria moderna. O seu maior consumo é aplicado na aparelhagem de rádio, radares, aparelhos de ultra-som e outros. Os maiores produtores são os Estados de Goiás (estados onde se encontra situada a cidade de Brasília, futura Capital Federal), Minas Gerais e Baía.

— A opala apresenta melhor as suas lindas cores, quando aquecida.

É por isso que os joalheiros a conservam na palma da mão quando pretendem vendê-la...

### Mais um passo em frente

(Continuação da 1.ª pág.)

tor e, bem assim, para o elenco Redactorial que o tem acompanhado nessa árdua e, quantas vezes, ingrata missão. Quem, como eu, tiver acompanhado, como leitor e como colaborador, a vida do Jornal, ter-se-á apercebido de que não são exageradas estas minhas considerações, mas antes, pelo contrário, que poderão pecar por insuficiência de esclarecida justiça perante quem, tão devotadamente, o tem orientado.

No entanto, apesar de pobre, este meu depoimento é feito com sinceridade, como sinceros são os votos que formulo pela longa vida do Jornal e para que a sua expansão se torna cada vez maior, no que, aliás, deverá estar empenhada a família vilaverdense.

Mário Meneses.

## Despacho sobre trabalho feminino

No prosseguimento da execução dos princípios estabelecidos na lei e orientadores da política social do Governo quanto à protecção devida ao trabalho feminino, há que estabelecer algumas normas de carácter geral, de cuja observância se espera resultem apreciáveis benefícios para a mulher trabalhadora.

O que ora se preceitua é já louvavelmente praticado por algumas empresas e pretende-se, como é de justiça, que o seja por todas.

Assim, ao abrigo do disposto na primeira parte do artigo 1.º do Decreto-lei n.º 32.749, de 15 de Abril de 1943, determino o seguinte:

1.º — Devem as mulheres casadas, sempre que o solicitem, ser dispensadas da prestação de trabalho em horas extraordinárias, sem que tal implique tratamento menos favorável por parte das empresas;

2.º — Podem as mulheres casadas faltarem ao trabalho até dois dias em cada mês, sem prejuízo da garantia do lugar, redução do período de férias ou perda de qualquer garantias concedidas pelas empresas;

3.º — Durante o período de gravidez, as mulheres que desempenharem tarefas incompatíveis com o seu estado, designadamente as que impliquem grande esforço físico, trepidação, contacto com substâncias tóxicas ou posições incómodas e transportes inadequados, serão transferidas, a seu pedido ou por conselho médico, para trabalhos que não as prejudiquem, sem perda do salário referente à sua categoria;

4.º — Serão facultados dois períodos de meia hora por dia às mães que amamentam os seus filhos;

5.º — A Direcção Geral do Trabalho e Corporações deverá estudar e propor a progressiva observância, com carácter de generalidade, de todos os demais princípios e normas aplicáveis ao trabalho feminino e na medida em que as circunstâncias o forem aconselhando;

6.º — As infracções ao disposto nos n.ºs 1.º a 4.º deste despacho serão punidas com a multa de 50\$00 a 500\$00 por cada trabalhadora em relação à qual se verifica a infracção;

7.º — A reincidência, a gradação das multas e o destino destas regem-se pelas disposições dos artigos 13.º, 14.º e 15.º do Decreto-lei n.º 32.749.

## Mais casas para as classes trabalhadoras

(Continuação da 1.ª pág.)

a necessidade de se adquirirem novos terrenos onde possam erguer-se dentro em breve novas casas.

Em Cascais com o dinheiro da Previdência, já ali foram construídas 162 habitações no valor de 15.000 contos; na Parede, serão construídas 160, num total de 17.000 contos; e no mesmo concelho outros bairros se erguerão quer por directa construção do Estado quer por cedência de terrenos aos beneficiários das Caixas de Previdência e por empréstimos daquelas instituições, tal como está previsto na proposta de lei do Ministério das Corporações e discutido na Assembleia Nacional.

Seguindo para o Norte, o Sr. Dr. Veiga de Macedo visitou depois alguns bairros de casas de renda económica do Porto destinados a trabalhadores e construídos com dinheiro da Previdência, bem como de Braga e arredores, os quais, concluídos, muito contribuirão para a solução do problema habitacional das classes trabalhadoras.

São muitos os milhares de contos investidos nesta realização. Mas no prosseguimento do programa traçado, o Estado português, sempre no desejo de poder garantir a cada família uma casa sua, não se poupa a esforços. E a obra prossegue sem desfalecimentos,

José Maria da Silva Lopes

# As Casas do Povo e os seus problemas

Aqueles que como nós, por dever de profissão, trabalham com o povo e vivem com ele e que com esse mesmo povo se misturam muitas vezes, porque também fazemos parte integrante desse mesmo povo, não são poucas as vezes que aqui ou acolá temos ouvido dizer mal das Casas do Povo.

Não são menos raras as vezes que estes espiritos maldizentes não acompanham os seus ditos com as palavras impróprias e oriundas de bocas sujas que outra coisa parece não terem aprendido do que alimentarem a saliva com o bilis amargo de palavras indecorosas e feias.

Bem sabemos que estes ditos, partem quase sempre de pessoas mal formadas, moral e intelectualmente, para as quais a cultura do espírito, mínima que seja, nunca ocupou lugar de preponderância no seu «Eu Físico», nem nunca os preocupou sobremaneira.

Habituarão-se a dizer mal disto ou daquilo e nunca se interessaram em saber porque dizem mal ou bem. Nunca fundamentam as suas afirmações, porque o seu baixo nível de cultura é de tal forma notório que nos faz dó. Desconhecem tudo aquilo sobre o que gostam de discutir e é vulgaríssimo encontrarem-se pessoas que, sobre aquilo que menos sabem é precisamente naquilo em que se julgam mais sábidas.

Muito prazer teríamos que estas pessoas que dizem mal das Casas do Povo se dessem ao trabalho de lerem os seus estatutos e acima de tudo procurassem saber o que acerca destas Instituições Corporativas tem sido legislado.

Estamos certos de que se o fizessem, imediatamente mudariam de opinião e acabariam por reconhecer que vagueiam no erro por ignorância. A legislação sobre Casas do Povo é a nosso ver uma das coisas em que até no mais pequeno pormenor está perfeita. Não se atingiu ainda a finalidade prevista? — Estamos de acordo.

Só o desconhecem aqueles que por ignorância, como já dissemos, o não querem saber ou não querem fazer justiça. Claro que se não pode ir além dos recursos que as Casas do Povo são atribuídos, mas opo-nos a que se possa ir ao ponto de dizer mal de instituições, cuja finalidade visa especialmente a suavizar o sofrimento dos que precisam e são pobres.

Somos dos que servimos desinteressadamente e só com o esforço do nosso trabalho uma Casa do Povo à qual temos dedicado o melhor do nosso saber em prol da colectividade e desse povo associado que servimos. Não nos passamos desapercebidas as necessidades de todos e a todos temos procurado atender num grau equitativo de igualdade aqueles que dentro da lei nos procuram a reclamar os seus direitos.

Se mais não aparecem é porque não precisam ou não querem, porque, repetimos, não se negam direitos a ninguém desde que como associados os tenham adquirido. Disso, estamos certos, ninguém nos poderá acusar como dirigentes.

Muito gostaríamos que os nossos associados, sejam eles de que categoria forem, em vez de falarem ou dizerem mal, aparecessem nas Assembleias e nas reuniões para se inteirarem e verificarem da razão das nossas palavras e da veracidade das nossas afirmações.

Temos uma receita e uma despesa e como é do conhecimento geral as despesas das Casas do Povo são feitas única e simplesmente com associados pobres, que regra geral as aborvem sempre e quase sempre não chegam para aquilo que estava previsto, se não fossem as ajudas do Estado por intermédio do Fundo Comum das Casas do Povo. Há quem o desconheça?

É natural e nós também já o dissemos será por demais repeti-lo. Quem o não pode negar são aqueles que dessas vantagens usufruem ao procurarem o auxílio das Casas do Povo. Não tememos a réplica daqueles que nos são adversos, porque servimos acima de tudo com amor à terra que nos foi berço e a todas as coisas que possam contribuir para o seu progresso ao que não podemos a nossa dedicação e o nosso carinho sempre desinteressado e leal.

A cada passo estamos a ler nos jornais e nos Mensários das

Casas do Povo o aplauso geral das populações e é-nos grato lembrar aqui que quase sempre são incluídos nas suas direcções párcos dessas mesmas localidades para as dirigirem. Ao contrário, no Norte e muito especialmente no Minho, verifica-se que estes embora lhe não sejam adversos se desinteressam um pouco das Casas do Povo quando se bem pensarmos deveriam fazer-lhe justa propaganda numa cooperação íntima e cuidada. Verifica-se que os Excelentíssimos senhores Párcos aos quais rendemos o preço da nossa muita consideração e estima e estamos nas melhores relações de amizade, se insurgem nas suas práticas, contra a Taberna, mãe de todos os vícios e de muitos descalabros morais que não contestamos e a que damos o nosso inteiro apoio e adesão.

Criticam-se com toda a justiça muitos divertimentos impróprios e lamenta-se com toda a razão a ausência de muitos às práticas religiosas.

Damos inteira adesão a estes reparos e a estas críticas. Todavia, temos de concordar que o homem, muito especialmente o que trabalha e tem os seus dias de trabalho inteiramente presos, espera ansiosamente os Domingos para se divertir e respirar a plenos pulmões esse ar que lhe falta e de que precisa para se tonificar, para mais uma árdua semana de trabalho e de cansaças a que a vida o obriga para seu sustento e dos seus.

Não o devemos querer privar de tudo aquilo a que como homem tem direitos adquiridos e de que não prescindir desde que é homem e sabe cumprir com os seus deveres. Sabemos por isso chamá-lo e cativar nele as suas qualidades e reconhecer que muitas vezes só foge por incompreensão alheia.

Não lhe apontemos somente os vícios. Sabemos também falar-lhe nas suas virtudes, porque quase sempre as tem. Não lhe digamos somente que a taberna é um vício que o corrompe e que os divertimentos que procura são impróprios e demoralizadores. Digamos-lhe sim que tem por dever moral e religioso de frequentar a Igreja se é bom católico e se é bom cristão.

(Continua na página 5)

## Viva o Santo Padre Pio XII

(Continuação da 1.ª página)

É na imponente praça de S. Pedro, num cair de tarde maravilhosa, falamos longamente... A piedade tradicional temos de aliar a inteligência esclarecida.

Se todos os católicos, — já não faço referência aos que, por diversas circunstâncias, possam encher os templos, à última hora, — tomassem, hoje, essa resolução, teriam prestado a Pio XII a maior e melhor homenagem.

É que, então, dispunham-se a compreender, sinceramente, a súplica da Igreja, neste dia jubiloso: Que o Senhor O conserve.

É se algum, tímido, recear que a barca sossobre oígam as palavras de Cristo aos Apóstolos: porque temeis, homens de pouca fé?

Sejamos dignos da nossa Fé, e, então, enfrentemos a campanha anti-católica e anti-clerical que o poder das trevas lançou aos quatro ventos.

Com dignidade de católicos e como verdadeiro espírito de Fé, acompanhemos Pio XII nestas horas de exaltação e de sofrimento.

## Pão de Ló só na

PASTELARIA VILAVERDENSE

Toda a qualidade de doce fino

Os melhores vinhos

Descontos aos Senhores Merdomos

Campo da Feira — Vila Verde

## Pela Administração

Novos Assinantes

Contamos mais os Srs:

Ilídio Flor da Silva, de Prozelos-Amares, que pagou adiantadamente;

Feliciano José de Sousa Araújo, de Soutelo, por intermédio do nosso assinante Bernardino de Araújo, de Prado;

D. Maria Evangelista Ferreira Lopes, Professora em Duas Igrejas, por intermédio do nosso correspondente e assinante João Evangelista Pinheiro Lopes, residente em Braga; D. Maria Emilia Freire S. Rego, de Parada de Gattim, pedida pela própria.

Assinantes que pagam:

De 19-3-59 a 19-3-60: P. António Peixoto de Oliveira, Párcos de Friande;

De 1-58 a 1-59: D. Maria da Conceição Alves, da Porto; Domingos Machado da Costa, de S. Mamede de Escariz; D. Luzia Meireles Peixoto, Professora em Guimarães.

De 19-3-58 a 19-3-58: D. Luísa da Silva Ferraz, Casa do Povo da Vila de Prado, José António Alves, António da Silva Oliveira, e José Augusto Simão de Macedo, todos de Prado. Maria Flor de Araújo, de S. Miguel de Oriz; Tenente Manuel José Correia e José da Cunha Torres Fernandes, de Lisboa; Manuel Ferreira de Araújo Laje, do Porto; Severino Joaquim Rodrigues Loureiro, do Brasil; Manuel Soares Coelho, de Moure; Professor José Joaquim da Costa Lobo, de Braga; Januário da Rocha Oliveira, Escriturário do Liceu de Viana do Castelo; D. Celeste Junqueira, Professora em Arcozelo; Manuel Soares, António Lima, Domingos

Alves Martins e José de Barros, de Arcozelo; António Gonçalves, Manuel Gonçalves, António de Queirós, Joaquim Ferreira de Araújo e Luís da Silva, de Marrancos;

De 2-58 a 2-59: Domingos Soares do Lago, de Lisboa;

De 19-3-57 a 19-3-58: Junta de Sande; António Barbosa Pinto, de Escariz; Dr. Bernardo de Brito Ferreira, do Pico; António Joaquim Gonçalves Tinoco, residente em Lisboa; João Peixoto da C. Neto, de S. Paio de Merelim; José de Araújo Cachetas, de Oleiros; João de Oliveira, Manuel Joaquim de Araújo Valente, Gaudêncio Carneiro Quintão e Augusto Fernandes Carreira, da Laje; Francisco Gomes de Macedo, João de Sousa Gouveia, António Lobo de Macedo, Dr. João Rodrigues de Sousa Lima Cruz, Francisco Ferreira da Mota, D. Aurora Fernandes Gomes e Manuel Gomes, de Prado; Dr. José de Oliveira Faria, de Marrancos; Casimiro de Macedo, de Freiriz.

De 5-57 a 5-58: Adelino da Silva Azevedo, de S. Mamede de Escariz; Carlos da Costa Macedo, de Lisboa e Avelino da Silva, de Marrancos.

De 6-57 a 6-58: Luís Barbosa de Araújo, de Lisboa; e António Gomes Quintão, de Prado,

e 7-57 a 7-58: António Mourão de Sousa, de Penafiel.

De 9-57 a 9-58: José Arantes Malheiro, do Pico.

De 11-57 a 11-58: António Araújo de Sousa, de Vilarinho.

De 12-57 a 12-58: António Dantas, do Brasil.

De 12-56 a 12-57: Franklim Gonçalves Gomes, de Cabanelas e Mário Gomes Menezes, do Brasil;

## Cervães

Uma verdade, respeitável e sagrada: — Apesar de todos os que se dizem católicos saberem que a vontade dos mortos é digna de todo o respeito e muito sagrada, se estes podessem falar e, quem dera ouvir os sinceros agradecimentos deles, aos vivos que os acompanham até à porta da igreja e fogem depois de falar ao rol, nem oferecer uma missa por sua alma, nem ir ouvir por eles ao menos a de corpo presente, sétimo dia, trigésimo dia ou aniversário sabendo todos esses senhores que os mortos querem e precisam.

Num tempo em que eu escrevia muito bravo e sem falar mal, como me disse a Censura Militar há anos na Polícia de Braga, eu chamei no «Correio do Minho» a esses enterros, estes nomes eios: — enterro quasi incivis, ou anti-católicos, ou velho russo e... não sei que mais, nem que menos, só por parecer acompanhados por católicos, pouco amigos dos mortos, cheios de respeito humano para com os vivos a quem um dia farão o mesmo.

Noutro tempo, quando eu era ainda menino e môço, nos funerais, depois da missa e do enterro terem acabado, os que honravam os mortos até ao fim comiam e bebiam do bom e do melhor. Agora, como se não dá esse mata-bicho, o povo

não quer saber dos sufrágios pelos mortos e só vai fingir honrar os vivos e recrear-se... Há quem diga que se o clero só deixasse fazer o rol depois do enterro, ou mesmo a seguir à missa, para a alma dos mortos era bem melhor. Talvez os meus amigos e colegas no jornalismo achem bem, não? Pela minha parte, confesso, que, quando eu morrer, se neste século de tanto progresso, já se conseguir... falar do outro mundo para este, não sei se direi «obrigado» só aos que no enterro, pedirem a Deus, pelo meu eterno descanso. Aos que me acompanharem sem ir à minha primeira missa, que decerto será a chamada de corpo presente, apeteceia perguntar-lhe se me consideravam desalmado, ou se quererão antes que eu mostre também sentir igual desprezo por sua alma se me pedir para vir ao seu funeral.

Quem desaprove, — prove que faço mal, chamando-me, aqui ou para cá, nomes lindos arregateirados, mas assine-se, por favor para nós ambos, pois só não os agradeço a anónimos, que são os amigos de Peniche.

C. Bacelar

## ESTRELAS

Que se não vêem, mas se ouvem

O Governo dos Estados Unidos vai iniciar em breve a construção de um novo tipo de telescópio radial dotado de uma antena de 42 metros de diâmetro e um raio de acção visual que abrange todo o céu nórdico, capaz de «ouvir» nitidamente as estrelas invisíveis do espaço. Será o instrumento primordial de um observatório nacional dedicado à investigação conjunta, projecto de um grupo de astrónomos norte-americanos.

Durante o Ano Geofísico Internacional, que se realizará de 1957 a 1958, será levada a cabo uma investigação conjunta na qual participarão 48 nações. Faz parte do programa para investigação do firmamento por meio de telescópios radiais.

Embora a astronomia radial se encontre numa primeira fase, pois teve o seu início nos Estados Unidos em 1931, a sua técnica pro-

(Continua na 4.ª pag.)

## CASA CLARO

DE Paulo de Sousa Claro

Fábrica e depósito de velas de cêra e artigos de apicultura

SEDE — Rua D. Diogo de Sousa, 100  
FILIAL — Rua Francisco Sanches

TELEFONE 2305 — BRAGA

## UNIAO DOS ELECTRICISTAS DE BRAGA, L.D.A

Instalações eléctricas de todo o género

TELE { fone ESCRITÓRIO 2868  
• ARMAZÉM E OFIC. 2528  
gramas UNDEL

Armazém, Oficinas e Escritório:  
Rua Andrade Corvo, 38-40

## DOÇARIA LUZITANA

Rua Francisco Sanches, 119-127  
Tel. 3300

e Jardim de Santa Bárbara

BRAGA

## Sala de Chá

Todas as qualidades de doce

— Esmerado serviço de Casamento e Festas de todas as espécies

## CASA DOS TERÇOS

DE  
António Teixeira Fernandes  
Rua Francisco Sanches, 85-89  
Telefone, 2862  
BRAGA

Casa especializada em terços nacionais e estrangeiros. Estampas para Comunhões, Missas Novas, Diplomas, etc. Estampas encalilhadas de diferentes tamanhos; Crucifixos, pias de água benta, imagens de terra cota e todos os artigos para o Rev. Clero.

Livraria Religiosa e Artigos de Papelaria  
MPORTAÇÃO DIRECTA Descontos para revenda e ao Rev. Clero

Vem aí

# a PRIMAVERA

Não esqueça:

Procure os

## ARMAZENS PINHEIROS

que têm ao seu dispor lindos tecidos de variadas qualidades e a preços acessíveis a todas as bolsas

Comprar nos

## ARMAZENS PINHEIROS

é a garantia de serem bem servidos

RUA DOS CAPELISTAS -- BRAGA

### Queda perigosa

No dia 5 de Fevereiro passado, quando o Sr. Abílio Mouta Reis Gomes seguia de bicicleta com destino à sede do concelho, teve, próximo da igreja de S. Vicente da Ponte, uma queda brusca, devido ao dinamo estar mal seguro, pois meteu-se entre os raios. Fracturou muito o queixo e as mãos.

Como a bicicleta ficou muito danificada, o Sr. Abílio Mouta Reis Gomes seguiu viagem a pé, recebendo tratamento uma hora depois do desastre se ter dado, no Hospital da Misericórdia de Vila Verde.

Podia ter morte instantânea, por não examinar o veículo se estava em condições de seguir viagem.

Cuidado com as bicicletas mal afinadas!

A.

### Salvé, 27-2-58

Completo mais um aniversário Natalício a menina Maria da Conceição Fernandes, desejam-lhe inúmeras felicidades e que esta data se repita por muitos anos.

Suas sobrinhas,

Catarina e Ana Faria do Lago

### Estrelas

(Continuação da página 3)

grediu rapidamente no decorrer dos últimos dez anos. Tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra e em outros países, tem-se procedido à construção de telescópios radiais cada vez maiores e mais numerosos.

No observatório da Universidade de Harvard, em Massachusetts, existem dois destes instrumentos, um com uma antena parabólica em forma de prato, de 7,20 metros e outro, de forma semelhante, com uma antena de 18 metros.

### Santuário do Alívio

(Continuação da 1-a pág.)

Todos os peregrinos admiram as obras e manifestam desejo de que o plano verdadeiramente grandioso se realize o mais breve possível. E, afinal, também o desejo de todos os vilaverdenses. Já se sabe que é preciso ajudar generosamente as obras que faltam, orçadas em algumas centenas de contos.

Assim o compreendem alguns devotos cuja generosidade se patenteou com algumas esmolas.

Um devoto de S. Martinho de Valbom para as obras 100\$00

Um devoto do Porto para as obras 100\$00

Um devoto de Soutelo para as obras 100\$00.

Fazemos votos para a que outros os imitem. Desde a oferta de pedra ou madeira até à esmola em dinheiro tudo servirá para se acelerarem os trabalhos.

Que Nossa Senhora do Alívio proteja os seus devotos.

No Laboratório Naval de Investigação dos Estados Unidos, em Washington, existe um telescópio radial semelhante com diâmetro de 15 metros.

Modelos mais pequenos prestam serviço em outros pontos do país e no Alaska. Na Universidade de Ohio, funciona um telescópio de desenho inteiramente diferente. Oferece um aspecto estranho, com 96 antenas de forma helicoidal, montadas numa sólida armação giratória.

Durante a última década, os telescópios radiais dos Estados Unidos e de outras nações, auxiliados pelos telescópios óptimos, têm proporcionado aos homens de ciência notáveis informações do Universo as quais nunca poderiam ter sido obtidas doutra forma.

## A BOLA e o Preceito

Neste Portugal fidelíssimo e privilegiado, muitas famílias deixam de cumprir o preceito do Domingo por causa do futebol. Dessa falta de compreensão ou execução dos sagrados deveres do cristão, nos domingos, desencadeia-se por vezes no seio das famílias uma grande desordem.

O pai não vai à missa, nem ao terço, porque de manhã, se o não tem, vai arranjar por qualquer processo o dinheiro para comprar o bilhete e à tarde vai à bola. Pelo exposto, o pai não impõe o devido respeito e a mãe sente-se impotente para educar, orientar, dominar e impor a sua vontade aos filhos.

Os filhos também vão à bola, para a taberna ou para onde não devem ir com as más companhias, conforme as idades e suas inclinações.

A semana, o pai vai para a fábrica, para a oficina ou para o seu trabalho e os filhos para a escola ou para outros destinos e por vezes ou sempre não se encontram à noite e assim fica prejudicado o preceito diário, a resa do terço em família.

Presentemente o jogo de futebol é uma doideira, uma doença e até a morte como aconteceu no último encontro do Braga com o Porto, onde perderam a vida uma senhora e um cavalheiro do Porto.

No campo, ninguém está tranquilo, os jogadores estão ansiosos por meter golo, o árbitro, seguindo passo a passo o desenvolvimento do jogo, para proceder com acerto e o senhor do microfone atencioso para ver e transmitir a tempo. O respeitável público, que de respeitável, às vezes, deixa muito a desejar, toma-se do nervosismo com que segue o movimento dos jogadores e electrizado e incons-

cientemente faz movimentos com o corpo, dá socos no ar, pontapés no vento e nas canelas dos parceiros, chamando nomes feios e insultando os jogadores que nenhuma culpa podem ter, por não agradarem em todos os passos.

Não somos adversários do futebol, nem de qualquer desporto, mas julgamos e com razão, que primeiro se deve cumprir a obrigação do dia santificado e depois vámos à bola, mas com lealdade e serenidade, com prudência, educação e respeito pelo nosso semelhante lembrando-nos sempre que no campo estão dois grupos e geralmente só um será o vencedor.

Só assim é possível passar-se uma tarde bem, dando largas à imaginação em conversa amena e conformidade com o resultado final.

Barros Dantas

### Marrancos

ÓBITOS — Faleceram Francisco Alves, e Rosa de Oliveira, casada com o Sr. Francisco de Barros.

Vouu para o Céu uma inocentinha filha do Sr. António de Queirós e Aurora Rodrigues.

As famílias enlutadas os nossos sentimentos.

MOVIMENTO—No ano findo nasceram 10, morreram 6 e houve 3 casamentos. Saíram da freguesia para outras partes 13 pessoas.

VIDA RELIGIOSA — Realizou-se a solenidade das Quarenta Horas com grande afluência de fiéis.

CAMINHOS — A junta de freguesia tem realizado uma obra de veras notável no arranjo dos caminhos. Agora toda a freguesia está interessada em fazer a ligação conveniente até à Portela, não se precisando depois de se dar a volta pelos Corvos, mesmo que se trate duma camionete, pois o caminho antigo está a transformar-se numa boa estrada.

É um grande exemplo que esta freguesia dá a outras onde se podia fazer o mesmo em alguns caminhos, mas como ninguém se interessa estão à espera que a Câmara os arranje...

ELECTRIFICAÇÃO—A rede para a distribuição da energia eléctrica nesta freguesia já está pronta e até em algumas casas particulares. Agora só esperamos que a energia corra pelos fios.

CAS A ASSOMBRADA — Inventaram que uma casa de Monte Aforado, pertença do Sr. Dr. Amaro de Oliveira estava invadida pelos «espíritos malignos» e vai daí começou a brincadeira: apareceram senhoras «misteriosas» com malinhas na mão, cabrinhas a saltar, potes na cozinha a dançar, cães a assobiar e outras coisas mirabolantes... Tudo isto não passa duma parolice conforme nos informou pessoa amiga. Mas o povil, à noite, fecha-se em casa com medo aos tais espíritos e depois ouvem coisas...

Já se entabularam negociações para fazer a paz por um preço mais barato...

Anda por ali malandrim, mas metendo-os todos na cadeia sabe-se a verdade.

Tenham juízo!

### De Duas Igrejas

ANIVERSARIOS—Completo 14 risonhas primaveras, no passado dia 19, a prendada menina Margarida Maria, aluna do Liceu de Braga, e no passado dia 25, seu irmão Luís Gonzaga, que completou 18, ambos são filhos do ilustre comerciante e nosso amigo Sr. José Joaquim da Silva. Os nossos parabéns e muitas felicidades.

MAS LINGUAS—Consta-nos que certos «imbecis»,

# O BEZERRO DE OIRO

Acochado pela fome, o povo eleito dirigiu-se ao Egito onde se estabeleceu. No decurso dos anos, foi-se multiplicando. Esta circunstância causou certa apreensão a Faraó e o levou a adoptar medidas drásticas a fim de evitar a sua expansão e influência. O povo israelita passou então a ser maltratado, a viver duramente oprimido. De facto, esta não era a sua terra, a sua nação.

Quanto suspirava por ela e, por conseguinte, pela sua libertação!

Deus ouviu os seus clamores, compadeceu-se dos seus gemidos.

Chama Moisés e incumbem-o de ir ao Egito, junto de Faraó, solicitar a autorização para a saída daquele povo escravizado. Faraó

resiste; põe obstáculos. Em virtude dessa estranha resistência, por ordem de Deus, toda a terra do Egito é flagelada por dez terríveis pragas. Abalado com os castigos, o Rei é constringido a ceder. Os israelitas, acompanhados por Moisés, abandonam a terra da escravidão e encaminham-se para o Mar Vermelho cujas águas prodigiosamente se afastam a fim de dar passagem. Entretanto Faraó arrepende-se, tenta fazer retroceder os fugitivos. Manda avançar os seus exércitos que imediatamente ficaram sepultados nas mesmas águas e não lograram o seu intento.

Começou depois a travessia do deserto que demorou muitos anos. Ainda há pouco liberto da escravidão, aquele povo ingrato, rebelde, começa a impacientar-se, a queixar-se. Porém, Deus velou sempre por ele com especial carinho, multiplicaram-se os prodígios a fim de que nada lhe faltasse. Para o dessendental, a água jorrava cristalina e pura dos rochedos, tocados pelo cajado de Moisés.

Deliciosa carne lhea era fornecida quanta desejassem. O pão, todos os dias, caía do céu, em abundância e tão saboroso que satisfazia aos paladares mais exigentes.

Quando os inimigos tentavam embargar-lhes a passagem para a Terra da Promissão, os israelitas sentiam logo a mão poderosa de Deus a defendê-los. Não obstante esta especial providência, o povo tudo esquece.

Contagiado pelo mau exemplo do povo idólatra do Egito, enquanto Moisés esteve ausente no monte Sinai onde fora chamado para receber das mãos de Deus a Lei que se dignara de promulgar para o bom governo do mesmo, com o oiro das arrecadas das suas mulheres e filhas resolve fundir um ídolo, em figura de bezerro, coloca-o sobre um altar e prosta-se diante dele em adoração, como se fora o verdadeiro Deus!

Tão infame procedimento causou grande indignação ao Senhor. Logo decidiu exercer a sua justiça, e acabar para sempre com aquela raça obstinada e ingrata.

Moisés interpõe-se. Implora misericórdia e Deus perdoa ao povo culpado! Parece incrível que aquele povo, conhecedor do verdadeiro Deus e tão favorecido descesse a tal baixaria! Não o podemos duvidar. Assim no-lo descreve a página inspirada.

Depois de vinte séculos de Cristianismo, a vivermos à sombra da civilização que dele tomou o nome, a mais adiantada e assombrosa que o mundo jamais conheceu, a qual ensinou aos homens a considerarem-se irmãos uns dos outros, e a humanidade inteira — uma família —, parece que deveriam ter acabado todos os ídolos.

Pois assim não aconteceu. Continua a prestar-se culto ao bezerro de ouro! Quem examinar o panorama social, facilmente verifica que a máxima preocupação de muitos é o oiro, o dinheiro. Este é o seu deus, ao qual tudo se sacrifica. As convenções sociais, a dignidade pessoal, o respeito pelo semelhante, a consciência, até a própria alma podem ser sacrificadas.

(CONTINUA)

VISITEM A  
**Casa das Malhas**  
EM BRAGA  
no dia 19—Dia de S. José  
RECEBERÃO UM LINDO BRINDE!  
MALHAS, MUITAS MALHAS!!!



## A acidez dos terrenos e as plantas

Do ponto de vista da sua riqueza em cálcio, podemos agrupar os solos agrícolas da seguinte maneira:

- 1.º Pobres em cálcio — ácidos.
- 2.º Abundantes em cálcio — alcalinos.
- 3.º Medianos em cálcio — neutros.

A maioria dos solos don, de os agricultores portugueses retiram as suas colheitas, incluem-se no primeiro agrupamento.

Duma maneira geral, são ácidos os terrenos derivados de rochas granitadas (solos de «areão»), de rochas xistosas (solos de «talisca») e de granitos ou grés (solos de «arneiro»).

Cobrem-se estes solos duma vegetação espontânea bem característica, predominando as gramíneas e as azedas.

Vários factores contribuíram para esta condição ácida, da quase totalidade dos nossos terrenos: a relativa pobreza no elemento cálcio das rochas que deram origem aos solos, a lavagem contínua pelas águas das chuvas (sobretudo lavagem superficial, perdendo-se totalmente), e exportação sempre renovada através das colheitas, o emprego de adubos, de acção acidificante, como o sulfato de amónio, a não existência de práticas de calagens periódicas.

Duma maneira geral podemos afirmar que a verificação duma tal característica dá aos solos possibilidades limitadas para um conveniente alimentação das plantas ou o que é o mesmo faz-lhe diminuir a sua produtividade.

É certo que há plantas que se dão melhor do que outras em condições áridas, fornecendo rendimentos que se podem considerar compensadores. No entanto estas mesmo, diminuída a acidez dos terrenos, conseguem maiores produções. Casos há, todavia, devemos referir-lo, em que tal se não verifica, agradecendo tais plantas terrenos pobres em cálcio — são as chamadas plantas cálcifugas, como o castanheiro, por exemplo.

Entre as culturas mais tolerantes à acidez dos terrenos contam-se os seguintes: a batata, o centeio, o linho e aveia; entre as menos resistentes encontram-se a luzerna, a cebola, a beterraba e a alface. As leguminosas geralmente dão melhor em condições ligeiramente alcalinas ou próximas da neutralidade; algumas, como o trevo encarnado, a serradela e a tremocilha dão-se bem em solos áridos. O trigo e a cevada dão maiores rendimentos em solos medianamente ricos em cálcio, enquanto o milho e o feijão que se dão bem em condições ácidas, respondem favoravelmente a uma diminuição da acidez dos terrenos.

A circunstância de umas plantas resistirem melhor do que outras a condições ácidas faz com que espontaneamente se verifique uma distribuição adaptada de muitas delas. O próprio agricultor, após experiências de muitos anos, senão mesmo de largas gerações, vai escolhendo também as suas culturas de acordo com as características do seu terreno.

Hoje esta adaptação simples, passiva, às circunstâncias não se pode admitir pelo menos na maioria dos casos, devendo-se procurar uma aceleração racional da acidez dos terrenos.

Realmente a falta de cálcio ou melhor a sua pobreza relativa, se já por si é mal que urge remediar é causa, muitas vezes, de condições que mais agravam a situação.

O cálcio é necessário para as plantas pois nos seus tecidos entra obrigatoriamente este elemento; os terrenos precisam portanto de o conter em doses que cheguem para as necessidades das culturas, sob pena de se ver comprometida uma produção compensadora.

Além desta função, ele é ainda necessária nos solos para que se atinjam outras condições indispensáveis para um bom cultivo. Mantém o terreno em estado físico, agregando os solos soltos e aligeirando os pesados, permitindo assim um mais fácil e eficiente amanho, facilita a drenagem nas terras argilosas, aumenta a capacidade de armazenamento para a água, favorece a decomposição dos detritos orgânicos, levando-os a estado de inteira utilização pelas plantas, liberta o fósforo que os solos avidamente retêm quando são ácidos, pondo-o à disposição das culturas.

Dado o interesse que o cálcio reveste de enumeração das boas qualidades dos solos que lhe estão ligados e de facto da maioria dos solos portugueses o não conterem em doses que mais conviriam, importa que tal como se vem fazendo para outros elementos, como o azoto, o fósforo e o potássio, pelo emprego sistemáticos dos adubos, se generalizem práticas que elevem o teor do cálcio dos nossos terrenos ácidos.

Entre essas práticas avulta a aplicação criteriosa de correctivos calóreos, seguindo-se o emprego de adubos que contenham cálcio.

### Posto Agrário de Braga

Semente de milhos híbridos

A planta do milho requer, para que a sua cultura dê bons resultados, muito cuidado e carinho.

Esse cuidado e carinho deve começar pela escolha das sementes que se lançam à terra e que terão, umas mais do que outras, boas características e possibilidades de dar uma boa colheita. Os restantes trabalhos

## A adubação da milha

Os agricultores devem ter em conta para adubar as suas searas de milho os resultados da análise das terras e os quantitativos dos diversos elementos que a chuva absorve.

Por exemplo, uma produção de 10 toneladas de trigo por hectare absorve do terreno o equivalente a uma tonelada de azotados com 15 oje de azoto assimilável, 500 kgs. de adubos fosfatados a 16-18 oje a a cerca de 100 kgs. de adubos potássicos a 50 oje e isto sem ter em conta a absorção devida às partes verdes da planta; ora actualmente a produção de uma tonelada de milho por hectare está tornando-se uma realidade fácil de atingir.

O milho foi sempre reconhecido como uma planta muito exigente em estrume e podendo utilizar o azoto sobre a forma nitríca e amoniacal. Por isso, deve ser abundantemente estrumado com estrume pouco maduro e submetido a uma generosa adubação azotada.

Pode-se dizer que é indispensável que a adubação do milho não só seja abundante mas também em relação directa com as condições gerais do terreno e com a produção que se pretende obter. Uma boa regra prática consiste em efectuar a distribuição dos adubos, especialmente os fosfatados, em parte a lançar e portanto sobre toda a superfície do terreno, e em parte localizada. Somos também de opinião que a adubação a lançar seja feita com adubos simples (granulados ou não) e a localizada com adubos complexos. Desta forma se poderá regular em relação ao próprio terreno a adição de um ou outro dos três elementos indispensáveis à fertilidade, o que se tornaria impossível ou quase com o uso exclusivo de adubos complexos.

Observações feitas em diversos climas e o exame dos dados referentes às produções em regiões diversas levam-nos a concluir que não se encontrou ainda para o milho em geral e para os híbridos

e despesas são sensivelmente os mesmos, numa cultura esmerada.

Na escolha de uma boa semente reside a possibilidade de, com a mesma despesa e trabalho, aumentar a produção.

O Posto Agrário de Braga, da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas, produziu uma série de milhos híbridos nacionais (HB...) adaptados às condições do meio e da Região.

Os Grémios da Lavoura receberam uma descrição desses híbridos e dos terrenos onde convém serem semeados.

A inscrição para a obtenção de semente está aberta até ao dia 13 de Março.

Quaisquer restantes informações devem ser pedidas ao Posto Agrário de Braga ou à sua Delegação em Viãna do Castelo.

em particular o óptimo da adubação azotada.

Pensamos que o aumento da adição de azoto especialmente amoniacal nas fases de desenvolvimento que vão até ao aparecimento da inflorescência contribuirá muito significativamente para os aumentos da produção.

Actualmente a maioria dos agricultores suspende as adubações à segunda sacha, isto é, num período em que a planta se encontra ainda em pleno desenvolvimento e em que portanto consome todo o azoto que lhe é fornecido na formação dos próprios tecidos, quando possivelmente terá necessidade igualmente de adubação na fase de formação do grão.

Estas afirmações são baseadas nas seguintes observações efectuadas nos últimos anos:

Numerosos milhos que até à floração manifestavam um vigor excepcional, prometendo uma abundante produção, declinavam improvavelmente e davam produções mediocres, sem se poder saber a razão, visto que a água tinha sido suficiente, as condições climáticas favoráveis, os amanhos culturais oportunos, e não tinha havido ataque de parasitas.

Subtraíam-se a este destino as parcelas que tinham recebido uma adição ulterior de azoto, quer através da adubação azotada quer por meio da irrigação fertilizante.

Destas primeiras observações concluímos que seja a falta de azoto que constitui o factor limitante para o perfeito desenvolvimento do ciclo vegetativo da planta.

## O café grande riqueza nacional

O presidente da Junta de Exportação do Café, Dr. Fernando Pereira Basto, que se encontra na Flórida, declarou que Portugal apoia o alargamento à Europa da campanha «beba mais café» que actualmente se desenvolve nos Estados Unidos e no Canadá.

O Dr. Pereira Basto preside à delegação portuguesa que toma parte na Convenção Nacional do Café e avistar-se-á com os importadores norte-americanos. Da Flórida o Dr. Pereira Basto partirá para o Rio de Janeiro.

O presidente da Junta de Exportação do Café declarou que a Conferência Internacional do Café, que se efectua no Rio, se ocupará, em especial, da criação de um secretariado internacional do café e da intensificação da sua propaganda.

Acentuou que a exportação de café de Angola para os Estados Unidos aumentou consideravelmente, e recordou que nos primeiros nove meses de 1957

## Sulfato de cobre

INGLÊS E NACIONAL

**BATATA-SEMENTE ESTRANGEIRA**  
das variedades ARRAN-BANNER, ARRAN-CONSUL E BINTJE.

Descontos especiais para quantidade

**Sociedade Exportadora do Norte, S.A.R.L.**

Rua Pinto Bessa, 248 — Telefones 50181/2/3 — PORTO —

# Água!...

Moto Bombas para todos os rendimentos

**Motor para a Indústria e Agricultura**

IMPORTAÇÃO DIRECTA

**Sociedade Agrícola e Comercial do Norte L.da**

Avenida Marechal Gomes da Costa, 141

Telefone, 2450 — BRAGA

## A Casa do Povo e os seus problemas

(Continuação da página 3)

Mas saibamos, também dizer-lhe que se pode e deve divertir e saibamos também dizer-lhe como e onde deve fazê-lo apontando-lhe a melhor maneira e o melhor caminho de o fazer. E nesta ordem de ideias porque não há-de os excelentes párocos das freguesias onde existem Casas do Povo como a nossa, dizer-lhes que a devem frequentar com assiduidade, pois elas foram criadas precisamente pelo Estado com esse fim? — E não será verdade que aqui, ao contrário do que acontece nataberna que odeiam e odiamos também, encontram ambiente próprio, reconfortante e sadio, ordem, respeito e uma boa camaradagem de amigos onde todos são iguais e bem recebidos? — Porque não dizer-lhes que ali poderão ler livros escolhidos e seleccionados para todos, numa pequena biblioteca à sua disposição onde poderão instruir-se e aprender muita coisa útil à formação?

Porque não dizer-lhes que se gostam de jogar qualquer jogo legalmente autorizado o poderão fazer na Casa do Povo em ambiente seleccionado e de

**As mais lindas rosas de Portugal**  
**As mais famosas árvores de frutos**

Arvores florestais — Construção de Jardins e Parques

Consulte o nosso catálogo que é enviado grátis

Moreira da Silva & F.ºs, L.º

Rua D. Manuel II, 55 — PORTO

as exportações de café para os Estados Unidos totalizaram 26.850 toneladas, contra 20.510 toneladas do correspondente períodos de 1956 e 14.930 de Janeiro a Setembro de 1955.

conforto, onde não há a promiscuidade da Taberna onde a moral é ultrajada a cada momento? — Porque não dizer-lhes que com uma pequena quantia que ali possam gastar nesses passa-tempos, contribuem simultaneamente para uma obra absolutamente essencial, visto as receitas desses jogos só poderem ser gastas com associados pobres?

Porque não dizer-lhes que a Casa do Povo pela sua obra meritória e altruista, pela sua doutrina construtiva e sã é a bem dizer a casa deles nas suas horas vagas se foi e é esse o fim em vista pelos nossos dirigentes ao criarem estes Organismos? — Saibamos ao mesmo tempo dizer-lhes que se pagam para a Casa do Povo, esse dinheiro não é gasto superflua e tem uma finalidade à vista de todos que é o bem de muitos pobres e necessitados e que, embora lhes pareça que não, se faz bem a muita gente o que estamos certos não acontecerá se não existisse a Casa do Povo na nossa terra.

E para elucidação de muitos bastará dizer que no ano de 1957 se gastaram em assistência médica e medicamentos cerca de 20.000\$00; em subsídios a pobres e inválidos cerca de 5.000\$00; em subsídios por nascimentos de filhos, cerca de 700\$00; em subsídios por morte cerca de 1.000\$00 e num consultório médico devidamente apetrechado para benefício de todos cerca de 8.000\$00, este com participação pelo Estado. Devemos concluir que a freguesia, se não fosse a Casa do Povo, não faria voluntariamente estas dádivas aos seus pobres e negar-lhes-ia estes benefícios que são bem conhecidos dos que podem aos que precisam.

Por tudo que se expôcemos ser de inteira justiça pedir em especial às excelentes autoridades eclesiásticas uma mais íntima colaboração, que a ninguém é mais fácil fazê-lo e incutir no nosso povo o amor às coisas da sua terra e de que todos os que trabalham têm da Casa do Povo se a ela se associarem as regalias que já usufruem todos aqueles que, mais compreensivamente dela já são associados, pois as casas do povo são do povo e para o povo.

José Manuel Gomes

# CATEQUESE E ACCÇÃO CATÓLICA

## Fala o Mestre

Na recente Encíclica «Fidei Donum» o Santo Padre Pio XII pede a todos — aos Bispos e aos fiéis do Mundo inteiro — ajudem por todos os meios a evangelização da África, que se abre à vida do Mundo moderno e atravessa os anos talvez mais graves do seu destino milenário, muito importante, por isso, torná-la Católica no mais breve espaço de tempo possível sob pena de se ver seguir outro rumo. Como na mesma Encíclica frisa ainda o Santo Padre, em África, os missionários, além de poucos para tão vasta seara, lutam com grandes dificuldades e grande falta de meios, enquanto outros, que não são os ornatos da verdade, os têm em abundância.

Entre outras coisas — acentua Pio XII — torna-se necessário multiplicar a Imprensa Católica em todas as suas formas e cuidar das técnicas modernas de difusão e cultura, pois é bem conhecida, em nossos dias, a importância de uma opinião pública bem formada e iluminada. Os três grandes meios hodiernos de divulgação e cultura são a Imprensa, o Cinema e a Rádio.

Na sua recente e momentosa Carta Encíclica sobre Cinema, Rádio e Televisão, depois de frisar os inestimáveis serviços, que a Rádio — aperfeiçoada dia a dia por novos processos — pode prestar ao homem, entre os quais o mais nobre é o de ilustrar e educar, dirigindo-lhe a mente e o coração para esferas do espírito cada vez mais altas, o Santo Padre Pio XII manifesta claramente o muito apreço que lhe merecem as Emissoras Católicas.

«Queremos, — diz — dirigir especiais palavras de encorajamento e apoio às Emissoras Católicas de Radiofusão. Embora conhecendo as numerosas dificuldades que têm a enfrentar, confiamos que hão-de prosseguir corajosamente na sua apostólica acção que Nós tanto apreciamos. Nós mesmo temos procurado ampliar e aperfeiçoar a nossa benemérita Rádio Vaticano, cuja actividade corresponde ao íntimo anseio e à necessidade vital de todo o Universo Católico».

No intuito de melhor servirem a Causa Santa — a expansão e consolidação da Igreja —, os Prelados de Angola pediram ao Governo Central, no decorrer do Ano Mariano, autorização de fundarem uma Emissora Católica que diariamente leve a todos — aos que residam nas cidades, como aos que labutam nos mais afastados recantos do sertão — mensagem de luz, reconforto e estímulo. A autorização pedida foi concedida e no dia 8 de Dezembro, encerramento das Comemorações Marianas, essa Emissora começou a trabalhar com o nome de *Rádio Ecclesia*.

Benemérita é já a sua acção.

Importa, porém, melhorá-la ainda mais, muito mais, para que não só não se deixe suplantar por outra de doutrinas

## O problema religioso na Indonésia

(Continuação da 1.ª pág.)

regiões. Além das suas actividades em assuntos religiosos, as Missões também se dedicam a trabalhos de assistência social e instrução. Assim, construíram hospitais, orfanatos, escolas, etc. e os seus serviços no combate ao analfabetismo têm sido também importantes.

Uma grande parte da população nas regiões de Sapanuli (Sumatra Setentrional), de Minahassa (Celebes Setentrional), das Pequenas Ilhas de Sonda (excepto Bali e Lombok), das Malucas e de Irian Ocidental (Nova Guiné Ocidental) foi convertida ao cristianismo. Ao todo, há agora cerca de um milhão de católicos e dois milhões de protestantes, aproximadamente, na Indonésia.

Bali é uma ilha em que o hinduísmo é a religião do povo, e enquanto que noutras partes da Indonésia se podem ver igrejas e mesquitas, em Bali encontram-se numerosos templos.

A liberdade de religião implica o direito de qualquer pessoa instruir o povo segundo os princípios da sua própria religião, bem como o de grupos de pessoas treinarem outras para educadores religiosos. Assim, o estabelecimento de escolas de base religiosa não é proibido na Indonésia.

A liberdade de religião também implica o direito de toda a gente ter uma

opinião, conduzir-se ou agir em todos os sectores da vida, seja político, económico, social ou cultural, segundo os princípios da sua fé. Isto significa o direito de formar organizações baseadas no culto religioso.

Existem na Indonésia colégios superiores religiosos: em Jogjakarta (Java Central) há um Seminário católico e uma Universidade islâmica, e em Djakarta há uma Escola Superior Teológica, onde os estudantes são educados para padres.

Há um certo número de organizações políticas, sociais, económicas e culturais na Indonésia que se baseiam em determinadas

## Catequese

A catequese é a escola da vida religiosa. É uma escola de vida. O homem vive pela alma e a alma é espírito imortal. Vida da alma e vida do corpo. Vida humana, terrena, e vida sobrenatural e eterna. A catequese é para o homem uma fonte de vida espiritual. O seu fim específico é a vida cristã. Entre nós a criança recebe a vida cristã, no Santo Baptismo, logo nos primeiros oito dias após o nascimento. Desde esse dia, a criança, fica a pertencer à Igreja, sociedade dos verdadeiros cristãos; torna-se filha de Deus, participante da mesma vida divina pela graça santificante e herdeira da Pátria Celeste.

A Igreja é uma sociedade divina e perfeita. Fundada pelo próprio Jesus Cristo sobre os doze Apóstolos, na forma orgânica do governo de um só, S. Pedro, primeiro Papa, para amparar e salvar o homem, conduzindo-o à felicidade futura. A catequese é a base da vida cristã, como a escola primária é a base da vida civil. É o alicerce de toda a vida espiritual. É a escola mais importante e necessária. Sem ela, é impossível ser-se bom cristão e até boa pessoa. Cristão, que não frequentou todas as classes de catequese com aproveitamento, será sempre um falhado, como aluno do Liceu que não tivesse perfeito conhecimento de instrução primária, seria

sempre um aluno defeituoso. Para que a Catequese seja uma escola perfeita, são indispensáveis algumas condições: alunos, mestre, sala apropriada, material didáctico etc.

Começemos pelos alunos. A criança é o aluno. Distingue-se a catequese pre-infantil e a infantil, a de perseverança e a de adultos. Assim haveria na pre-infantil, dois grupos ou classes: 1.º dos 2 aos 5 anos; 2.º dos 5 aos 7 anos. Este 2.º grupo corresponde já à 1.ª classe oficial.

Na catequese infantil, a partir da recepção dos Sacramentos de Penitência e Eucaristia, teríamos 3 classes: 2.ª, 3.ª e 4.ª. As classes são determinadas pela idade e pela aprovação na classe anterior. O limite da

(Continua na página 2)

## Mãe:

Mãe! Bendito seja o teu nome. Tu és a lua divina, toda doçura e bondade, que tudo deslumbra e cativa em teu redor. Desde o momento em que concebes, uma nova alma nasce dentro de ti, que te ilumina, te transforma noutra mulher.

O primeiro degrau do teu sofrimento são as dores da maternidade. — Depois heroicamente, comesas a subir o teu calvário. Choras com as tristezas de teus filhos, ris com as suas alegrias, sofres com as suas dores, regozijas-te com os seus contentamentos.

Mãe! És um hino de louvor ao santo amor maternal, a esse amor que nunca engana, tudo perdoo, e que pede em troca, não honrarias ou riquezas, mas sim as migalhas duma justa afeição; uma mãe nunca condena, mas chora a ingratidão dos filhos.

Desgraçadamente, por este mundo de Cristo, existem filhos sem nome, que calcam aos pés o nome heróico e bendito daquela mulher que eu melhor não sei cantar, Mãe.

Se nos fosse possível desfolhar os anais dos tribunais, que horror, que miséria e sacrilégios!! Filhos que não merecem o nome, espancam e matam os autores dos seus dias.

O móbil destes monstruosos crimes, são em maior parte a ambição de heranças. Porque não concordam com as disposições testamentárias, vão dizer à justiça terrena, que os pais estavam doidos, embriagados, etc. na altura em que deliberaram a assinar a disposição paternal.

Assim nasce a discórdia o desentendimento, o crime.

Tivessem «que a não têm» estes filhos carradas de razão, não lhes é admitido queixarem-se contra uma mãe!! A uma mãe que os amou em extremo.

E porque muito amou, muito sofreu!!

Mãe! é um nome tão lindo, tão doce, e tão esquecido dos homens, é a primeira frase do pequenino ser. Mãe. Minha Mãe!

Foi a última palavra de Jesus no Alto da Cruz.

Mãe! eis aí o teu filho.

L. R.

## As Avé-Marias

É já multi-secular esta devoção a Nossa Senhora. Começou a rezar-se de manhã e à noite desde o princípio do séc. XII.

Após a partida da primeira Cruzada para a conquista da Terra Santa aos maometanos em 1096 ordenou-se que em todas as igrejas de manhã e à noite se dessem três badaladas na torre para anunciar a todos que orassem pela boa actuação e vitória final daquele empreendimento ao mesmo tempo religioso e guerreiro. Seria uma dupla vitória para a cristandade inteira.

Trezentos anos depois, no séc. XV, o Papa Calisto III ordenou que as mesmas três badaladas se fizessem ouvir também ao meio dia a fim de lembrar aos cristãos, que orassem pelo exército que, na Hungria, se debatia difficilmente contra os turcos.

Desde então até aos nossos dias os santos Padres têm enriquecido consideravelmente esta devoção. Possui já 100 dias de indulgências por cada vez que se recitem três Avé-Marias; e plenária ao mês recitando-se todos os dias.

Quem nunca sentiu um misto de suavidade, melancolia, de paz e conforto, de saudade e bem estar, quando, numa manhã macilenta e orvalhada, num meio dia abrasador ou numa tarde calmosa, em plena luta pela vida, no campo ou na fábrica, no oficina ou no escritório, ouviu soar as

notas compassadas, mas firmes do toque das Avé-Marias?

Quem nunca vibrou em uníssono com o próprio sino da sua aldeia quando este o convida à oração?

Cessam todos os trabalhos; descobrem-se todas as cabeças e até mesmo as cigarras deixam de cantar.

Erguem-se as mãos caídas para Deus e os lábios carbonizados pelo sol abraçador repetem três vezes a saudação do anjo: Avé-Maria!...

A fronte está coberta de pó e suor, os vestidos são grosseiros e inacabados; o calçado é rude como a linhagem é simples, mas os corações são puros, as almas estão limpas porque a devoção a Maria é grande.

As avezinhas e as castanhas associam-se a esta oração colectiva. Cantam as folhas das árvores à passagem da brisa

Tudo é poesia, sonho, grandeza!

A volta faz-se um silêncio sepulcral. Maria amou o silêncio e Deus não nos fala no meio do barulho.

Por meio dos sinos dos nossos campanários, a voz de Maria faz-se ouvir três vezes no espaço de 24 horas: no toque da alvorada, no sinal ao dobrar do meio dia e às trindades anunciando o cair da tarde.

O primeiro toque é à Senhora da Pureza.

Na frescura cristalina da

(Continua na página 2)

## Capela de S. Domingos

(Notas e apontamentos)

Ao escrever umas notas, ainda incompletas, a respeito do culto de Nossa Senhora, referi que em Parada de Gatim existiu uma capela, ou ermida, dedicada a S. Domingos. Dêla fez menção o P. Custódio de Sousa Vieira, em seu testamento de 9-2-1758. Já não existe, porém, a imagem do titular ainda se venera na igreja paróquial.

Nesta freguesia de Escariz-S. Mamede também houve uma capela dedicada ao mesmo Santo mas que, mais tarde, foi mudada para a Lage.

Quando e por quem seria fundada? A noroeste da freguesia, numa depressão, situada a meio da encosta, voltada a nascente, entre o antigo Castro de Santo Isidro, ao norte, e o monte da Gatanha, ao sul, fica o local denominado «Escariz», sede da primitiva povoação.

Actualmente está ermo, desabitado, todo transformado em matas. É meiro das duas freguesias em que se ramificou e às quais deu o nome. Ignora-se qual seria a primeira e quando seria desmembrada a segunda. Nas Inquirições de 1220 (D. Afonso 2.º) já figuram as duas como independentes e autónomas. Pertenciam à «Terra de Penela» que abrangia 34 freguesias, algumas das quais foram extintas. A re-

presentar S. Mamede aparece o abade — *Soeiro Monje* com os respectivos homens bons.

A representar S. Martinho aparece o abade — *Gomécio Pequeno* com os ditos seus paroquianos. Junto desta e na qual foi incorporada ficava a pequena paróquia de Santo Isidro cujo abade — *Domingos Peres* declarou que a sua igreja não tinha paroquianos, apenas possuía umas pequenas searas, e metade dum casal. Está extinta, apenas ficou o topónimo. Já noutras notas lhe fiz referência.

Nas ditas Inquirições vem mencionado o lugar de «Quintela», em S. Ma-

(Continua na 2.ª pág.)

O Melhor Café e O Brazilero  
Mário Joaquim de Queirós & C.  
TELEFONE 2104  
BRAGA